

# Da angústia ao desejo do analista na clínica com crianças

---

Thalita Castello Branco Fontenele

## Resumo

A clínica psicanalítica com crianças tem particularidades, mas nem por isso lançamos mão de protocolos, testes ou jogos como pré-requisitos de atendimento — só temos o desejo do analista para nos situar. O desejo do analista é como uma chave: coisa que abre, que aponta para o furo do saber e faz girar o discurso. Neste artigo, depois de percorrer rapidamente o caminho que Lacan faz com esse conceito, apresenta-se uma vinheta clínica, a fim de ilustrar a passagem da angústia ao desejo do analista na clínica com crianças, abrindo, assim, uma discussão teórica sobre o tema.

## Palavras-chave:

Angústia; Desejo do analista; Clínica com crianças.

## From anguish to the analyst's desire in the clinic with children

## Abstract

The psychoanalytic clinic with children has its own particularities, but that's not why we use protocols, tests or games as prerequisites — we only have the analyst's desire to situate us. The analyst's desire is like a key: something that opens, that points to the hole in knowledge and turns the discourse. In this article, after briefly going through Lacan's approach to this concept, a clinical vignette is presented to illustrate the passage from anguish to the analyst's desire in the clinic with children, thus opening up a theoretical discussion on the subject.

## Keywords:

Anguish; Analyst's desire; Clinic with children.

## **De la angustia al deseo del analista en la clínica con niños**

### **Resumen**

La clínica psicoanalítica con niños tiene sus particularidades, pero no por eso utilizamos protocolos, testes o juegos como prerrequisitos — sólo tenemos el deseo del analista para situarnos. El deseo del analista es como una llave: algo que abre, que señala el agujero del saber y hace girar el discurso. En este artículo, después de recorrer brevemente la elaboración de Lacan sobre este concepto, presentamos una viñeta clínica para ilustrar el pasaje de la angustia al deseo del analista en la clínica con niños, abriendo así una discusión teórica sobre el tema.

### **Palabras clave:**

Angustia; Deseo del analista; Clínica con niños.

## **De l'angoisse au désir de l'analyste en clinique avec des enfants**

### **Résumé**

La clinique psychanalytique avec les enfants a ses particularités, mais ce n'est pas pour cela que nous utilisons des protocoles, des tests ou des jeux comme pré-requis — nous n'avons que le désir de l'analyste pour nous situer. Le désir de l'analyste est comme une clé : quelque chose qui ouvre, qui indique le trou dans le savoir et qui tourne le discours. Dans cet article là, après avoir brièvement rappelé l'approche de Lacan sur ce concept, nous présentons une vignette clinique pour illustrer le passage de l'angoisse au désir de l'analyste dans la clinique avec les enfants, ouvrant ainsi une discussion théorique sur le sujet.

### **Mots-clés :**

Angoisse ; Désir de l'analyste ; Clinique avec des enfants.

A clínica psicanalítica com crianças tem particularidades. Entre elas, certo posicionamento de corpo, que, sem a distância do divã, deixa a pessoa do analista, digamos, mais suscetível. Nesse caso, já que não usamos protocolos, testes ou jogos como pré-requisitos de atendimento, só temos o desejo do analista para nos situar.

Não se trata de uma técnica, nem de “um desejo puro”,<sup>1</sup> mas de algo que se decanta de uma análise e que se vai areando ao longo da experiência mesma com a “verdade mentirosa”.<sup>2</sup> O desejo do analista é um operador ético — é por essa vertente que Lacan (1958/1998) começa a falar dele.

Nos *Seminários, livros 6 e 7*, menciona essa noção, mas é só na década de 1960 que se dedica a discuti-la, desenvolvendo-a entre os *Seminários, livros 8 e 9*. Nesse momento, está às voltas com as “coordenadas que o analista deve ser capaz de atingir para ocupar seu lugar”. Uma vez que o analista é aquele que “sabe um pouquinho mais da dialética do seu inconsciente”, o que ele sabe, afinal? “Até onde o que ele sabe disso precisou ir, com relação aos próprios efeitos do saber?” (Lacan, 1960-1961/2010, pp. 136-137).

Na crítica à contratransferência, Lacan retoma o desejo do analista como algo que torna possível levar as coisas além do limite da angústia. Ele finaliza o *Seminário, livro 10* dizendo que o analista deve ser “aquele que, minimamente, não importa por qual vertente, por qual borda, tenha feito seu desejo entrar suficientemente nesse *a* irreduzível para oferecer à questão do conceito da angústia uma garantia real” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 366). O desejo do analista é, em seguida, no *Seminário, livro 11*, um “ponto-pivô” na formação: “A formação do psicanalista exige que ele saiba, no processo em que conduz seu paciente, em torno do que o movimento gira. Ele deve saber, a ele deve ser transmitido, e numa experiência, aquilo de que ele retorna” (Lacan, 1964/2008, p. 225).

Já na década de 1970, Lacan vai deixando de falar mais diretamente do *desejo* do analista e passa a tratar do *discurso* do analista, o qual situa na delicada fronteira entre o saber e a verdade (Lacan, 1971-1972, inédito). A partir daí, avança no conceito de objeto *a*, que é uma espécie de redução do desejo do analista. Podemos dizer que o desejo do analista, ou o *a*, como agente, é como uma chave: coisa que abre, que aponta para o furo do saber e faz girar o discurso. Esse saber —  $S_2$ , se evocarmos o esquema do discurso analítico — está no lugar da verdade e é o que sustenta o *a*, lugar do qual o analista interroga o sujeito,  $\$$ , a trabalhar em busca de uma produção,  $S_1$ , ou seja, um significante pelo qual se possa resolver sua relação com a verdade (Lacan, 1972-1973/2008).

---

1 Expressão que Lacan utiliza no final do *Seminário, livro 11*, sobre os quatro conceitos fundamentais (Lacan, 1964/2008, p. 267).

2 Expressão que Lacan utiliza no início do “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” (Lacan, 1976/2003, p. 569).

Figura 1. Discurso do analista.

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Fonte: Lacan, 1970/1992.

Mas, na especificidade da clínica com crianças, (de) que verdade (se) fala?

Certa vez, uma garotinha de 4 anos de idade, devastada, tentou dizer algo que sua analista não podia escutar. Ela chegava suja, com os cabelos bagunçados, nariz escorrendo, jogava-se no chão, batia, quebrava as coisas do consultório... Quanto mais a analista se angustiava, menos a escutava. Em supervisão, ela se descobriu “tapada” — significante seu. Estava tapada pelo próprio fantasma. Era preciso mais e mais voltas em análise para retornar ao lugar de falta-a-ser<sup>3</sup> na clínica, saindo da angústia tapada ao desejo furado, em que podemos situar a questão do saber não todo.

Quando o analista compreende em vez de interpelar, (con)sente em vez de escutar, ou seja, quando atua como sujeito e se afeta, embarcado em sua própria fantasia, perde-se o que Lacan (1972-1973/2008, p. 98) denomina “presunção de uma análise”, que seria proporcionar ao analisante constituir, por sua própria experiência, um saber sobre a verdade. No caso dessa criança, um saber sobre seu sintoma, que representa a verdade do casal familiar. A garotinha devastada contou: “Estão dizendo que sou louca.” Sim, havia muita loucura nessa família: eis a verdade familiar que ela encenava. É assim que a verdade se apresenta primeiramente para a criança, uma vez que seu sintoma ou se acha “em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar”, ou é recorrente da subjetividade da mãe (Lacan, 1969/2003, p. 369).

Um tempo a mais e ela disse: “Você é da família do pipiu”, colocando a analista do lado das mulheres, a qual, já situada na passagem da angústia ao desejo do analista, conseguiu interpretar para a garotinha que, sim, era da família do pipiu, mas que havia outras formas de ser mulher, sem precisar ser louca. Então, as cenas de gritaria e pancadaria no consultório foram diminuindo.

A brincadeira favorita da garota era encenar a história da Chapeuzinho Vermelho, convocando a analista a ser a mãe. Ela topava e dizia, caprichando na prosódia: “Tudo bem, minha filhinha, mas você não vai assim pra casa da vovó, né? Que tal se arrumar, ajeitar os cabelos, assoar o nariz...?” A garotinha ia, então, ao

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Lacan em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (Lacan, 1958/1998, p. 596).

banheiro e se arrumava, regozijando-se, depois pegava a cestinha de doces para encontrar o lobo na floresta... Um terceiro se impunha.

Assim, a analista foi emprestando alguns significantes — em uma operação que Soler (1994) chama de “reversa”, ou seja, do real em direção ao simbólico —, para que a paciente tivesse condições mínimas de fazer sua neurose. Aí está outra particularidade dessa clínica: um movimento entre saber *descer* à altura da criança quando necessário e *des-ser*,<sup>4</sup> ou seja, abrir mão do próprio ser e recorrer ao semblante. Assim, pelo “ponto-pivô”, volta-se à posição subjetiva de *a*, levando-se em conta a máxima do “não é isso”.

Mesmo que não saiba nada a respeito, o analista precisa se colocar no lugar de *a*, cuja função é lógica. Nominé (2023) nos lembra que “somente a lógica do trajeto pode ensinar-lhe a função lógica deste objeto”. O analista deve suportar a angústia que pode apresentar-se no paciente ou nele mesmo, pois ela é um bom sinal do surgimento possível de uma verdade, a verdade da posição de gozo. Isso se trabalha, é um ponto nodal.

Izcovich (2023) concorda. Ele diz que o que se deve buscar em um caso clínico é a marca de gozo, a exceção, pois é nela que se encontra a garantia do que é o ato analítico. Para tanto, é preciso estar atento ao traço específico do sujeito, o singular, aquilo que faz diferença. Isso decorre do fato de que a lógica lacaniana se interessa exatamente pelo que resta, atrapalha, grita, falta... É a lógica não toda fálica, a partir da qual Lacan (1972-1973/2008) questiona a universalidade da linguagem. Não estamos falando, portanto, de um trabalho pela via nem do universal, nem do particular, mas da singularidade. “(...) o sintoma é particular no sentido em que se liga a uma estrutura clínica. A singularidade é outra coisa. Ela é determinada pelas marcas do gozo infantil; elas estão sempre fora da norma. E a análise é o que programa um saber fazer com essa exceção” (Izcovich, 2023, p. 16, tradução nossa).

Assim, a história clínica e mesmo a elaboração diagnóstica da estrutura e dos tipos clínicos são importantes, mas interessam menos do que a tentativa de cernir ou formalizar a singularidade de cada um. Afinal, os ditos são necessários, mas eles tendem a se multiplicar imaginária e simbolicamente, já que se relacionam com o Outro. Não obstante, o dizer amarra algo próprio do sujeito, é uma construção apoiada no real. E, como sabemos, a questão ética da psicanálise está articulada ao real (Lacan, 1959-1960/2008), a como responder ao real a partir de si, portanto a partir de um dizer singular.

Mas — voltando à especificidade da clínica com crianças — será que o analista pode enfrentar qualquer relação com o real e o desejo do analista operar em qualquer

---

4 Expressão que Lacan utiliza no seminário sobre o ato psicanalítico, *L'acte*, quando fala do passe (Lacan, 1967-1968, p. 43, inédito).

estado de ser? Soler (1994) responde que, tomando-o como elemento da estrutura do discurso, ele só opera se o “lugar claro do desejo” já estiver fornecido como efeito de uma subtração de gozo; portanto, é preciso questionar qual é o estado de implementação da estrutura da criança em questão. Assim, ou ela já é sujeito e o analista se acomoda no lugar esvaziado do desejo, ou lidamos com uma “criança-objeto/criança-gozo”, e, nesse caso, o analista deve alojar-se no lugar do Outro primordial.

De qualquer maneira, por mais que os ditos ainda estejam sendo produzidos nesse tipo de clínica e por mais que precisemos lidar com algumas especificidades, a direção ética do tratamento é ainda a que aponta para o singular. O analista deve operar logicamente com isso, emprestando seu dizer quando necessário, sem se perder na universalidade dos discursos sociais sobre a criança ou nas particularidades fantasmáticas de sua família.

Ainda que, como disse Lacan (1961-1962/2003), o desejo mais fundamental do analista seja o de não desejar, é importante estar advertido de que a criança provoca o desejo do Outro e pode, muito frequentemente, levar o analista a uma posição de sujeito desejante. Como vimos, às vezes é preciso, estrategicamente, ficar um pouco aí, se for o caso de permitir que a criança seja desalojada de seu lugar de objeto para se tornar sujeito, tendo acesso à experiência de uma análise (Nominé, 1994). Trata-se de um tipo de clínica do sujeito, mas que pode apontar para a clínica do caso.<sup>5</sup> Para tanto, evoca-se a ética, ou seja, é preciso levar em consideração o dizer do sujeito, independentemente da idade, e buscar sua exceção, sua marca de gozo.

Como se vê, não há técnica para operar aí. A técnica vem do Outro, e é preciso abandonar as esperanças no Outro. O que nos autoriza como analistas é o desejo do analista, e ele só vem com o tempo, com o esforço em análise, e de forma contingente. Servir-se da contingência, *bon heur*, feliz acaso, é a única chance que existe, lembram? Está lá, em “Televisão” (Lacan, 1973/2003). Assim, finalizo com o que Lacan (1964-1965, inédito) disse sobre o desejo do analista se situar em um ponto de suprema cumplicidade aberta à surpresa, e lanço a seguinte pergunta: há algo mais surpreendente do que uma criança em análise?

## Referências bibliográficas

- Izcovich, L. (2023). *La clinique du cas en psychanalyse*. Paris: Stilus.
- Lacan, J. (1964-1965). Problèmes cruciaux. In *Staferla*. Inédito. Recuperado em outubro, 2023, de <http://staferla.free.fr/S12/S12%20PROBLEMES.pdf>
- Lacan, J. (1967-1968). L'act. In *Staferla*. Inédito. Recuperado em outubro, 2023, de <http://staferla.free.fr/S15/S15%20L'ACTE.pdf>

---

<sup>5</sup> Luis Izcovich diferencia a “clínica do sujeito” da “clínica do caso” em seu último livro, *La clinique du cas en psychanalyse* (2023).

- Lacan, J. (1971-1972). Le savoir du psychanalyste. In *Staferla*. Inédito. Recuperado em outubro, 2023, de <http://staferla.free.fr/S19b/S19b%20Le%20savoir%20du%20psychanalyste.pdf>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2003). *O seminário, livro 9: a identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1961-1962)
- Lacan, J. (2003). Notas sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Nominé, B. (1994). Présentation. In B. Nominé (Org.), *L'enfant et le désir de l'analyste*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Nominé, B. (2023). *O tempo da angústia*. Conferência realizada online, organizada pelo Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza, em 7 de outubro de 2023. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=Evw6jOp3\\_8Y&t=4596s](https://www.youtube.com/watch?v=Evw6jOp3_8Y&t=4596s)
- Soler, C. (1994). L'enfant et le désir de l'analyste. In B. Nominé (Org.), *L'enfant et le désir de l'analyste*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.

**Recebido:** 01/06/2024

**Aprovado:** 15/06/2024